



## O que nos dizem as pesquisas eleitorais?

*Humberto Dantas <sup>1</sup>*

A despeito das críticas aos institutos de pesquisas eleitorais, é histórica a preocupação da justiça e dos legisladores com o tema. Faz mais de 20 anos que existem grupos de trabalho e reflexões sobre o aprimoramento das técnicas de feitura e divulgação de estudos desse tipo. Sabemos, no entanto, que muitas coisas estão em jogo quando falamos de pesquisas de intenção de voto, e que a despeito dos cuidados, ainda há disseminação de notícias falsas e estudos malfeitos e/ou mal-intencionados.

Quando entramos no ano eleitoral a lei exige que qualquer pesquisa seja registrada na Justiça Eleitoral contendo uma série de informações técnicas. Até meados de janeiro tomamos contato com três estudos desse tipo, realizados por diferentes institutos: o Genial finalizado em 09 de janeiro, o Ipespe concluído dia 12 e o Poder Data de 18/01.

As manchetes dos principais meio de comunicação tendem a destacar a principal atração desse tipo de pesquisa: para uma dada eleição, quem está na frente. Quando lemos as matérias, percebemos alguns detalhes adicionais. Mas quando olhamos para os relatórios desses levantamentos percebemos a possibilidade de realização de uma série de análises adicionais que enriquecem o debate e desafiam nossas percepções sobre a realidade política.

Atualmente, os principais veículos da mídia têm procurado três fenômenos básicos em relação às pesquisas: como está Lula, observando suas chances de vencer o pleito em inédito primeiro turno para a história nacional do PT; como está Jair Bolsonaro, tendo em vista se tratar de um governo mal

avaliado e com dificuldades de estabelecer composições políticas que o coloquem, hoje, na condição de reeleito e; se existe tempo e viabilidade para o surgimento de uma alternativa a esses dois nomes – fenômeno chamado de “terceira via”, distorcendo teorias e conceitos, como já debatemos aqui no Brasil em Foco.

Se o tempo passar, a exemplo de 2018, e nenhum nome se firmar como concorrente viável, a eleição será marcada por novo conflito entre uma candidatura do PT ancorada no legado de Lula contra um grupo que oscila - e dimensionar essa questão seria essencial - entre o que se convencionou chamar de Bolsonarismo e o fenômeno consolidado do antipetismo. O conjunto de apoiadores de Bolsonaro está contido no universo antipetista, aparentemente. E se isso for verdade, seria interessante verificar em que medida esses eleitores inflariam outra candidatura pelo simples fato de ela ter mais chances, seja com quem for, de vencer Lula. Para tanto, o que desejamos com esse texto é extrapolar a visão mais rápida e simples de leitura das pesquisas. Vamos lá.

Em resumo: Genial, Ipespe e Poder Data mostra hoje que Lula lidera os cenários de intenção de votos em primeiro turno. Nos dois primeiros, as simulações principais trazem o petista com 45%, 44% e 42% dos votos, respectivamente, seguido por Bolsonaro com 23%, 24% e 28%. Sérgio Moro está em terceiro lugar, com algo entre oito e



<sup>1</sup> Humberto Dantas – cientista político, doutor pela USP e parceiro da KAS



nove pontos, e distâncias que variam de cinco a dois pontos para Ciro Gomes. Pronto.

Mas não pode ser só isso. Perfeitamente. As simulações de segundo turno dão a Lula vitórias contra todos os seus adversários, e no provável embate contra Bolsonaro, as distâncias em janeiro de 2022 são: 24 pontos na Genial, 25 no Ipespe e 22 no Poder Data.

Mas podemos melhorar essa análise. Lula venceria o pleito no primeiro turno? Com base numa regra de três simples, os percentuais de eleitores conquistados nos dois primeiros institutos entre determinadas faixas etárias e de rendimento. Simples assim. Portanto, saiba que Moro tem médias acima de seus resultados gerais exatamente entre pessoas que sustentam e dão melhores condições de elegibilidade para Bolsonaro. Resultado: o ex-juiz trafega na mesma pista que o presidente. Pergunta: esse eleitorado é fiel ao ocupante do Planalto ou está disposto a mudar de posição se Moro se mostrar mais competitivo contra Lula? Essa pergunta é, hoje, uma das possíveis chaves da eleição de outubro.

Há quem não acredite que exista tempo para o pleito sair do conflito Lula x Bolsonaro. Mas existe quem pense o contrário. Por isso, o União Brasil, fusão entre Democratas e PSL, estaria tirando o ex-ministro do Podemos. Com uma estrutura partidária maior, suas chances seriam mais efetivas – a despeito dos traumas vividos em 2018 pela aliança em torno de Geraldo Alckmin, que se diz descrente na “terceira via” e mostra vontade de ser vice de Lula.

Se a hipótese da “terceira via” mais viável em semblante antipetista for real, o olhar sobre as pesquisas muda de foco. Cuidar para evitar que Lula vença na primeira rodada é um ponto. Mas o segundo é: a despeito de onde estejam Bolsonaro e Moro na corrida do primeiro turno, a questão é saber quem é menos rejeitado e quem tem mais chances de ser competi-

tivo contra o PT na segunda rodada. Esse eleitor não seria então bolsonarista, mas antipetista, como foi o contingente que em 2014 oscilou entre Marina (à época no PSB) e Aécio (PSDB). Muita gente que despejou voto nesses dois nomes pouco tinha de afeição às suas figuras, mas sim queriam saber quem tinha mais chances de derrotar Dilma (PT). Em 2018, Ciro (PDT) tentou empregar esse discurso dizendo que contra Bolsonaro ele era mais competitivo que Haddad (PT). As campanhas se fiam nesses cálculos, que as pesquisas permitem e que são absolutamente legítimos. Faz décadas que se fala em “votar no menos pior, para se atenuar a maior de todas as desgraças” como fenômeno eleitoral mundial. Por que aqui seria diferente?

Em sendo assim, olhemos para 2022. Bolsonaro tem a máquina federal na mão, um eleitorado aparentemente fiel, mas um lastro ideológico de antipetismo que pode lhe prejudicar. Isso porque, em termos de rejeição, Genial (66%), Ipespe (64%) e Poder Data (56%) mostram que ele perderia para ele mesmo as eleições. Para grande parte dos brasileiros já existe um antibolsonarismo. O “problema” é que Moro tem entre 59% e 51% de rejeição, o que também é complicado. As distâncias entre os dois representantes do antipetismo variam entre 5% (Poder Data) e 13% (Ipespe). Ainda assim, importante olhar simulações de segundo turno: na Genial Lula vence Bolsonaro com 24 pontos de margem, e Moro com 20%. No Ipespe o petista abre 25 pontos para o presidente, e 19% para o ex-juiz. Por fim, apenas o Poder Data diz que Bolsonaro perderia por 22 pontos para Lula e Moro seria derrotado por 23%. A partir de então, não estranhe que Moro acentue seus ataques à Lula – tentando se mostrar mais competitivo contra o ex-presidente. Tampouco ache esquisito se Bolsonaro voltar a artilharia para Moro, tentando evitar seu crescimento como a figura que tem mais chances contra o PT no segundo turno. Tá vendo? Tudo isso está minimamente contido nas pesquisas, nos restando atenção aos relatórios e análises mais completas.